

UM "PÉ CHATO" QUE MARCHOU 2.000 KM

Cap Inf
FILADELFO REIS DAMASCENO

Em novembro de 1959 empreendemos a "Operação Fibra", marcha a pé de Aracaju a Salvador e, no ano seguinte, participamos da marcha a pé de 700 km de Carinhanha a Brasília, quando da inauguração da nova Capital do País. Ensinamentos diversos foram colhidos em ambas as jornadas que tivemos a honra de comandar porque tivemos o cuidado de observar, indagar dos demais participantes, comparar, anotar tudo aquilo que nos pareceu de interesse. Estudamos a resistência à fadiga, à fome, à sede, verificamos o comportamento dos vários tipos de coturnos, a adequabilidade do fardamento, a possibilidade dos recursos locais suprirem a tropa.

Dentre as observações feitas uma há que ressaltar, pela importância de que se pode revestir: Um "pé chato" marchou 2.000 km, o total das nossas andanças pelo sertão, computados os treinamentos e as marchas propriamente ditas. Como o assunto é deveras interessante e, por certo, despertará a atenção dos companheiros do Serviço de Saúde, permitam-me descrevê-lo nas suas minúcias. Penitencio-me, desde logo, da impropriedade de linguagem e imprecisão técnica, desculpáveis num leigo no assunto. O meu propósito é tão somente despertar a atenção dos especialistas para o fato, na crença de estar contribuindo para a apreciação do problema sob novos ângulos.

Ao se proceder a inspeção de saúde dos voluntários da Marcha Bahia—Brasília, um dos médicos componentes da Junta que examinava os candidatos à difícil prova de resistência, voltou-se para um cabo e diagnosticou, após um exame detalhado:

— Você não agüentará a marcha porque tem "pé chato".

Fiquei muito surpreso com o singular da situação. O Cabo Manoel dos Reis Cardoso, a quem o médico se dirigira, havia realizado juntamente comigo a marcha de Aracaju a Salvador e suportava galhardamente todo o treinamento anterior ao ponto de ser escolhido para porta-símbolo do meu heróico pelotão. Julguei do meu dever ampará-lo naquela ocasião e quebrar lanças para que fôsse incluído no Grupamento da 6ª RM, não só porque se tratava de elemento disciplinado e eficiente, como também porque o seu temperamento alegre, de constante bom humor, estimulava a camaradagem e o rendimento da marcha. A expli-

cação para o fato dêle ter participado da primeira marcha é que naquela ocasião a seleção foi feita por mim, um tanto no "ôlhometro", o que não impediu que todos chegassem a destino em excelentes condições físicas.

Visando ajudar o Cabo Cardoso que já demonstrava sinais de desampontamento com o afastamento da marcha solicitei a outro médico da Junta que o examinasse e o Dr. Tomás Bastos confirmou o diagnóstico de seu colega: "pé chato". De igual modo opinou pela não inclusão entre os executantes da marcha uma vez que o mesmo não suportaria a grande jornada. Até aquela ocasião agia levado pelo desejo de ajudar um subordinado, mas, de repente, percebi que a questão tornava-se atraente face a existência de um ângulo que eu conhecia mas que era desconhecido para os médicos. Eu não tinha a menor dúvida de que o Cabo Cardoso concluiria a marcha sem percalços e expus o meu pensamento e os fatos em que se baseava.

Os membros da Junta continuavam a julgar temerário conduzi-lo entre os participantes pois certamente aumentaria o número dos estropiados. Com muito esforço consegui convencê-los a incluí-lo no Grupamento. Ponderei que a sua inclusão na marcha era um teste interessante sob qualquer aspecto: Se êle não suportasse a marcha ficaria mais uma vez comprovado o acêrto da prescrição que incapacita para o serviço militar os portadores de tal anomalia. Caso o Cabo Cardoso completasse o percurso sem dificuldades igualmente mereceria a atenção dos especialistas.

Desta forma, o Cabo Cardoso, conhecido pelos seus companheiros como "Quarentinha", devido a semelhança com o jogador de futebol, permaneceu entre os selecionados. O seu procedimento suplantou as mais otimistas previsões, quer durante a fase dos treinamentos ou durante a realização das marchas: sempre a mesma fleugma, a mesma despreocupação, não dando o menor trabalho ao médico da coluna. Confirmou os nossos prognósticos e demonstrou praticamente que um "pé chato" pode realizar marchas a pé.

O fato está apresentado tal qual ocorreu. Não pretendemos invadir searas alheias mas apresentaremos algumas considerações que nos parecem ter cabimento. A primeira delas é que, a nosso ver, o caso apontado não constitui uma simples exceção. A anomalia de que é portador o Cabo Cardoso, "pé chato" típico, é muito comum entre os sertanejos nordestinos. No seu próprio meio são chamados de "pés de pato" o que não os impede de longas e contínuas caminhadas impostas pelas contingências da vida campestre. Assim sendo, julgamos que o caso abordado por nós é apenas um entre muitos outros semelhantes que vêm confirmar que alguns "pés chatos" ou, ainda, determinados tipos de pés chatos são aptos a marchar.

Ao término daquela inesquecível jornada procuramos registrar o fato e batemos inclusive várias fotografias das famosas plantas do

“Quarentinha” das quais dispomos de poucas cópias que cederemos com prazer aos que se propuserem a estudar o caso. Na mesma oportunidade sugerimos fôsem feitas radiografias dos pés para servirem de subsídios para um estudo completo. De qualquer maneira, o ex-cabo Manoel dos Reis Cardoso é funcionário da Petrobrás, reside no município de Mata de São João e se prestaria de bom grado a qualquer exame exigido pelos especialistas.

Demonstrado, na prática, que o “pé chato” é capaz de marchar, passo a palavra aos companheiros do Serviço de Saúde. Dêles deve vir a explicação para o fenômeno que não deve ser encarado como um caso esporádico. Não é muito raro encontrarmos atletas, corredores, jogadores de futebol, possuidores de tal anomalia. Tudo isto leva-nos a conclusão de que o caso merece ser estudado e que talvez apresente uma nova maneira de encarar o problema. A apreciação científica descobrirá as nuances, revelará quais os “pés chatos” que podem marchar e os que não o conseguirão nunca. Talvez mesmo altere o dispositivo que elimina sumariamente do serviço militar o indivíduo com aquela anomalia e traga novas esperanças para sinceras vocações que se frustram por aquêlo motivo. Embora já honvéssemos historiado o fato logo após a Marcha Bahia—Brasília num jornal da Guanabara, voltamos ao mesmo, em virtude de não ter recebido a atenção que nos parece merecer. Agora, com a palavra os camaradas do Serviço de Saúde, a quem compete dar a última e definitiva palavra sôbre assunto tão palpitante.

A DEFESA NACIONAL é a sua Revista
de estudos e debates profissionais. É a sua
tribuna. MANDE-NOS SUAS COLABORA-
ÇÕES!